

CENTRO DE ESTUDOS DA SAÚDE DO TRABALHADOR E ECOLOGIA HUMANA

Curso de Especialização em Saúde do Trabalhador (2020)

Módulo V: Vigilância em Saúde do Trabalhador (Atividade Final)

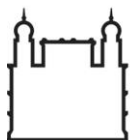
Especializanda: Hosana de Barros Oliveira Martins

Tempo para se fazer saúde do trabalhador

“Lembre-se: Você pode vender seu tempo, mas não pode comprá-lo de volta.” Paulo Coelho

De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios-PNAD (2015) a maior parte da população brasileira, 84,72%, vive em áreas urbanas. Já 15,28% dos brasileiros vivem em áreas rurais. Muitas pessoas com a ideia que *“a caneta pesa menos que a enxada”* (Silva, 2021) buscam as cidades e os trabalhos imateriais como uma forma melhor de viver. O que encontram são outras formas de sofrer. O 'de sol a sol'; é trocado pela luz elétrica que nunca se apaga, assim esses trabalhadores seguem o ritmo do mercado globalizado que não dorme, não tira férias e não tem folga. São 24 horas por dia de trabalho 7 dias por semana. Se o labor molda os corpos, o cheiro e as dores do trabalhador rural, é também o labor que molda as mentes humanas, estressadas, ansiosas, em pânico, deprimidas e exaustas (*Burnout*). No trabalho contemporâneo, como fala Gaulejac (2007), *“O trabalho não basta ser árduo ele deve ser contínuo”*. O trabalhador deve estar disponível para o trabalho em qualquer hora e em qualquer lugar. Todo tempo é voltado aos interesses do trabalho, para pensar o trabalho, arrumar soluções para o trabalho, captar clientes, fazer *network*, desenvolver habilidades e competências etc. É sobre essa apropriação do tempo de vida pelo trabalho e sua repercussão na saúde dos trabalhadores que se trata meu projeto de pesquisa.

Com as novas formas de gerenciamento em que o trabalhador é responsável pelo seu desempenho, pelo seu sucesso e pelo seu fracasso, ele é induzido a se esforçar, a se dedicar para realizar o seu trabalho da melhor forma possível, cada um nas condições que tem, como se os objetivos do trabalho fossem seus próprios objetivos, e o sucesso da empresa seu próprio sucesso. O envolvimento emocional com o trabalho; só vem crescendo, pois o trabalho agora ganha cada vez mais centralidade na vida dos trabalhadores, é fonte de realização, de prazer, de status e inserção social e de condições para o consumo. Para garantir esse trabalho tão importante, o jeito é entrar no ritmo ditado. O medo gerado pelo alto índice de desemprego, pela competitividade acirrada, pelas



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



CENTRO DE ESTUDOS DA SAÚDE DO TRABALHADOR E ECOLOGIA HUMANA

altas exigências de especialização e habilidades, etc, faz pensar que existem poucos 'lugares ao sol' e cada um que lute pelo seu.

Nesse contexto de trabalho o que separa tempo de vida e tempo de trabalho se torna fluido e difícil de distinguir. Se o trabalho é propor soluções, o trabalhador passa a madrugada sem dormir, ansioso, pensando. Ele passou a madrugada trabalhando? Mas não é horário de trabalho? Porém, é atividade de trabalho? Mas não é local de trabalho? Mas agora o trabalho se realiza em casa? (nem existe mais local de trabalho, onde tiver o computador ou celular e internet é local de trabalho.) Porém, o que se está fazendo é em prol do trabalho, para benefício do trabalho?

E o que fica para o trabalhador é sobretudo cansaço. Como diz Azevedo (2021): “*cansaço, crônico e renitente como uma dor de cabeça que não some nem explode. É um cansaço antigo dos trabalhos e dos dias.*” Esse cansaço que não tem hora p'ra acabar, só hora de recomeçar. Esse cansaço de quem nunca pode parar. Já foi o tempo em que o trabalhador lutou por uma rotina '3 x 8' (8 horas de trabalho, 8 horas de descanso e 8 horas de lazer). Hoje nem se sabe quantas horas se trabalha. A jornada acaba e o trabalhador continua a trabalhar, para poder cumprir a meta, cumprir o contrato, cumprir seu dever. Algumas vezes nem jornada existe, só o prazo ou a quantidade de serviço a ser cumprida. Dessa forma, o almoço vira reunião, o fim de semana é momento para estudar para o trabalho, a noite é para se organizar para apresentação do dia seguinte, ler e responder mensagens pendentes e para se atualizar do que não conseguiu acompanhar durante o dia. É tanto trabalho que não cabe nas 8 horas, que extrapola, que faz o trabalhador dizer que precisa de mais de 24 horas por dia, que exige do trabalhador ganhar tempo sendo multitarefas, fazendo duas ou três atividades simultâneas. Pois tempo é dinheiro para o capital, e tempo é recurso escasso, e todo tempo deve ser aproveitado em algo útil. E o que pode ser mais útil que o trabalho? Se até os 'dias úteis' são aqueles destinados a trabalhar.

Pausas, repouso, férias, feriado, fim de semana, ir no banheiro, parar para se alimentar, aposentadoria... na lógica capitalista se tornam perda de tempo ou tempo desperdiçado. O ócio algo a ser temido, repudiado e exilado da sociedade. E o trabalhador carrega a culpa de necessitar de descanso. Se sente culpado de seu corpo e sua mente não funcionar na velocidade das máquinas ou do mercado, de não ser criativo toda vez que é demandado, de não ter a resposta na ponta da língua, de não ter a solução pronta para oferecer na hora do acontecimento. Então, nessa necessidade de sempre ser melhor, de fazer melhor e mais rápido o trabalhador se vê ansioso para ocupar seu tempo



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



CENTRO DE ESTUDOS DA SAÚDE DO TRABALHADOR E ECOLOGIA HUMANA

em prol do trabalho. Pois seu sucesso depende de seu desempenho, e seu desempenho depende unicamente do seu esforço. Assim o trabalhador faz uso de produtos químicos para melhorar sua *performance*, do energético à cocaína, até o “Rivotril”. Nessa ilusão de quanto mais investir de si, mais chances de prosperidade no trabalho terá, o tempo passa, seu vínculo frágil com o trabalho acaba, e ele volta a investir tudo de si em outro emprego, ou outro contrato ou outro empreendimento. Se por um lado o tempo de trabalho está cada vez mais largo, o tempo de vínculo no trabalho está cada vez mais curto.

Nessa lógica de desempenho individual, sucesso e fracasso individual, falta de tempo e excesso de cansaço, os vínculos coletivos ficam fragilizados. Com espaços de trabalho inexistente e encontros virtuais, o trabalhador tem dificuldade de compartilhar suas dificuldades, dores e angústias. Para a Saúde do Trabalhador fica esse enorme desafio de promover saúde nesse novo contexto de trabalho. Como dar voz ao trabalhador isolado? Como mobilizar para luta o trabalhador que, de tão ocupado, se vê sem tempo para pensar e muito menos lutar por sua saúde? Como fazer vigilância se não existe mais local de trabalho fixo? Como defender o repouso e o descanso como direito do trabalhador? Como defender o descanso como necessário a saúde? Como criar políticas públicas que limitem a exploração de tempo de trabalho, quando seus limites se tornam cada vez mais fluidos? Como fazer acreditar que sempre é tempo para lutar pela vida? Que tempo de luta pela saúde é tempo ganho e não perdido? Que agora é a hora de fazer Saúde do Trabalhador?

Referências:

Azevedo, Alisson. “*O que há em mim é sobretudo cansaço*” Multiplicadores de Visat. 09.08.2021. Coluna Opinião. Disponível em: https://48209fd4-9e54-4385-b712-c09bfc7c2b87.filesusr.com/ugd/15557d_34146c0d4c3e4d0490803464eed455dd.pdf

Gaulejac, Vincent de. *Gestão como doença social: ideologia, poder generalista e fragmentação social*. Aparecida- SP: Ideias & Letras, 2007.

População rural e urbana. IBGE EDUCA. 2021. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens%20/conheca-o-brasil/populacao/18313-populacao-rural-e-urbana.html>

Silva, Rodrigo Emídio. *Faça chuva, Faça Sol*. Multiplicadores de Visat. 05.03.2021. Coluna Opinião. Disponível em: https://48209fd4-9e54-4385-b712-c09bfc7c2b87.filesusr.com/ugd/15557d_14d6bdd72be247df9479feae325a0f27.pdf